

ALFAGUARA

Daniela Krien

A minha terceira vida



Tradução de Isabel Castro Silva

Hoje de manhã um busardo desceu a pique do céu e lançou-se sobre uma das minhas galinhas. A galinha ousara sair de baixo da proteção das árvores de fruto e afastara-se das outras. Nesse mesmo momento, com um carrinho-de-mão cheio de folhas, entulho e ramos secos, eu passava junto ao galinheiro e dirigia-me à compostora, quando vi pelo canto do olho a ave de rapina que se aproximava. Larguei o carrinho-de-mão, abri de rompante o portão do galinheiro e corri. Estava com luvas de trabalho, por isso, sem pensar duas vezes, tentei agarrá-la. O busardo bicava-me com o seu bico curto e recurvo, lançava gritos estridentes, batia as asas freneticamente, sem nunca largar a presa. Tinha uma força com que eu não contara, e afastei a cabeça para o lado para me proteger dos seus golpes. Quando consegui agarrá-lo firmemente, lancei-o com toda a força ao céu.

— Desaparece daqui! — gritei com uma voz estranha.

Por um momento, achei que estava ferido. As asas pareciam não conseguir encontrar o ritmo. O busardo vacilava pouco acima de mim. Depois, de repente, afastou-se com vigorosos golpes de asa, circundou ainda o galinheiro e por fim afastou-se.

Fiquei parada uns segundos para ver se ele arriscaria uma segunda investida. O meu coração batia desenfreado;

sentia o sangue a pulsar até nos dedos das mãos e dos pés. Era audível, a minha respiração entrecortada, e aos meus pés estava a galinha, que não se mexia. Tirei as luvas, curvei-me e estava prestes a tocar-lhe quando ela fugiu de repente, vivíssima. Só deixou para trás uma ou duas penas.

Por um momento, passou-me diante dos olhos a mulher que fui no passado: a mulher do cabelo bem penteado, com uma predileção por caxemira, seda e linho caro, as unhas pintadas, os olhos e os lábios sempre cuidadosamente maquilhados e a repulsa por tudo o que fosse grosseiro e sujo. A hipocondríaca que *googlava* todos os sintomas, receando sempre que fosse cancro. A mulher cautelosa que deitava fora comida assim que o prazo de validade expirava. A maníaca das limpezas que voltava a limpar o pó a seguir à mulher-a-dias.

Sem querer abanei a cabeça, voltei ao carrinho-de-mão, levei-o à compostora e despejei-o. Com uma forquilha acamei o entulho e olhei outra vez para o céu à procura do busardo. Se voltasse, já não escaparia ileso. Se voltasse, esmagar-lhe-ia a cabeça, aquela cabeça de olhos parados e amarelos, contra a árvore mais próxima.

O meu nome é Linda.

Linda era uma mulher *suave, amistosa, branda*. Este nome já não tem nada a ver comigo.

Em casa ainda está frio. Na salamandra o fogo arde há poucos minutos. Trago vestida uma camisola interior comprida e grossa de algodão e uma camisola de gola alta com um colete acolchoado por cima. A água para o chá já ferve, corto o gengibre, deito-o no fervedor e levo à boca uma fatia finíssima. Depois aqueço água para cozer batatas e resisto à tentação de escrever uma mensagem

a Richard. Quero contar a alguém o incidente do busardo e ele é a única pessoa que não expulsei da minha vida.

Kaja não sai de ao pé de mim. É uma cadela que pressente tudo e que reage imediatamente. Enquanto passo desassossegada de uma divisão à outra da casa, acompanha-me sempre de perto. Não percebe o meu comportamento, que a assusta. Quer uma dona soberana, mas eu dou sinais que a confundem e que reforçam a sua dependência submissa.

Ligo o rádio, sento-me à mesa, começo a descascar as batatas e indico a *Kaja* o seu lugar junto à salamandra, que agora enrubesce do calor. Ela obedece de imediato. A meteorologia anuncia chuva; as notícias do trânsito enumeram as estradas cortadas por causa da tempestade de ontem.

*Na região de Harz, entre a Miséria e a Inquietação...*¹

Solto uma gargalhada, *Kaja* levanta a cabeça e olha-me assustada.

Agora o vento parou.

Na luz pálida de inverno deste dia de janeiro, estou sentada à janela da cozinha, bebo chá de gengibre acabado de fazer com muito mel e observo o pátio lá fora. Há semanas que o tempo está sombrio. Paira sobre a paisagem uma massa cinzenta uniforme que engole toda a alegria e abafa todas as sensações, as más como as boas. Sinto qualquer coisa, mas é qualquer coisa que não quer sair: um pequeno

¹ Alusão a uma piada da antiga RDA: «Onde vive o Socialismo? Entre Elend e Sorge», o nome de duas aldeias da região de Harz, sendo que a primeira quer dizer miséria e a segunda, inquietação. (*N. da T.*)

raio de luz, que quase não se vê e que, no entanto, sustenta a minha vida.

Dispo o colete e também a camisola grossa. Das minhas axilas escapa um cheiro forte; tenho de me lavar bem outra vez. O cabelo não é tão importante, basta escová-lo todos os dias. Há muito que não uso champô. A produção de sebo regula-se em poucos meses, e a minha pele e o meu cabelo nunca pareceram tão saudáveis.

Entro na banheira fria e abro a torneira do duche. Primeiro quente, depois fria, depois ensaboo-me e tiro a espuma com água fria. Esfrego-me vigorosamente com a toalha até ficar com um formigueiro na pele e sentir calor. No espelho embaciado por cima do lavatório vejo a minha cara indistintamente. Os dedos da minha mão direita percorrem a longa cicatriz acima da clavícula. Todos os dias lhe ponho creme. Assim a pele permanece elástica e aos poucos a coloração lilácea vai-se esbatendo. Sob a cicatriz estive em tempos a minha tireoide. O cancro destruiu-a e os médicos tiraram-na para me salvar a vida, que para eles tinha mais valor do que para mim. Salvar vidas é a missão dos médicos. Não querem saber para que vida regressam os pacientes curados.

Não senti o medo e o desespero que costumam seguir-se a um diagnóstico de cancro. Na verdade, senti uma estranha alegria, uma espécie de vitalidade acrescida diante da morte e uma sensação parecida com a de um maratonista pouco antes de chegar à meta. Richard, a minha mãe e os meus amigos estavam perplexos. Mais um golpe do destino depois do que já acontecera. Porquê, perguntavam eles, porquê a Linda, depois de tudo o que sofreu?

Porque não?, pensava eu.

O cancro parecia-me coerente e consequente. O meu corpo perdera a resistência. Há mais de um ano o luto devorara as minhas células, que enfraqueceram demasiado. Um desfecho lógico.

Richard fez o que fazem os homens em situações de crise: procurou soluções. Passou noites inteiras a pesquisar *on-line*. Comprou chá verde, curcuma e brócolos, pelos seus supostos efeitos de inibição do crescimento e de morte das células cancerígenas, banuiu o açúcar de nossa casa e marcou consultas para obter uma segunda e uma terceira opiniões. O diagnóstico não mudou.

Richard sofreu uma mudança visível. O cansaço sombrio dos últimos meses desvaneceu-se do rosto emagrecido. As pregas fundas do nariz à boca pareceram alisar-se um pouco, e os seus passos tornaram-se mais vigorosos. Tinha por fim um motivo para deixar o luto para trás e voltar à ação. Combater o meu cancro passou a ser o seu propósito, graças ao qual podia seguir em frente.

O meu combate, por sua vez, não era bem um combate, apenas um reflexo desencadeado pela possibilidade da morte. O assassino chamado cancro levou as mãos ao pescoço da vítima e estrangulou-a. A vítima debateu-se involuntariamente, quase contra a sua vontade, pois todas as criaturas se debatem contra a morte. O instinto de auto-preservação está-nos inscrito nos genes. Richard levou-me a mal este raciocínio, pois esta versão da história deixava-o de fora.

Penso muito em Richard. É o meu marido — um bom homem, de uma família amistosa e intacta, com uma árvore genealógica que inclui filhos, pais, irmãos, sobrinhas

e sobrinhos e até duas avós, ainda, ao passo que a minha família quase só tem mortos e desconhecidos. Escolhi este homem que supria o que me faltava e posso dizer sem fingir que o amo.

Quase todos os dias me pergunto se lhe estou a fazer mal. Se pudesse agir de outro modo, agiria. A maior parte das pessoas magoa sem querer. Dá o seu melhor, só que o seu melhor não basta. Richard também não fez nada de mal. Aconteceu apenas que um dia se virou e olhou em frente, ao passo que o meu olhar continuou virado para o passado.

Quando me visita, observa em silêncio as minhas mãos agora fortes, comenta a minha vaidade desaparecida, a disciplina severa. Mais recentemente viu-me rachar lenha com o machado, uma metade do toro a voar para a esquerda, outra para a direita, eu a atirá-las para o carrinho-de-mão e depois a amontoá-las contra a parede do telheiro. Na sua testa desenharam-se rugas finas. Vi como me tornara estranha aos seus olhos. Agora também a salamandra da sala está acesa. Arrasto o sofá de orelhas para o centro da divisão e sento-me. Na parede fronteira às janelas estão penduradas fotografias dos pais, filhos e netos de Grete Adomeit, a antiga proprietária da casa. Limitei-me a pendurar ao lado as minhas.

Por vezes, sobretudo quando cai a noite, sento-me aqui no sofá e observo as fotografias por tanto tempo que a escuridão lhes apaga os contornos e por fim desaparecem. É então que oiço a voz de Sonja. Oiço a voz dela com perfeita nitidez. *Mamá*, chama ela, *mamá, olha*. Ou então está a falar, absorta numa qualquer brincadeira. Também já ouvi a sua voz mais recente, de jovem. A maior parte das vezes são apenas uns segundos, depois oiço-a em surdina

e depois desaparece. Por vezes, pouco antes de desaparecer, oiço um estranho eco na voz dela. Paro sempre de respirar e fico imóvel, cheia de medo de a espantar com um ruído imprevisto. Basta um pequeno som e ela desaparece. Se me imobilizar, ela fica. Nesses momentos a cadela arrebita as orelhas, levanta-se de um salto e vai quase sempre na direção de onde vem a voz da criança.

Anos atrás passámos de carro por esta aldeia. Tínhamos comprado o carro recentemente, era o primeiro passeio que fazíamos com ele, que ainda cheirava a novo e que estava tão limpo que todos tirámos os sapatos antes de entrarmos. Sonja ia sentada no banco de trás de auscultadores nos ouvidos, Richard e eu olhávamos pela janela enquanto atravessávamos a aldeia a passo de caracol, por causa de um radar de velocidade anunciado pelas notícias de trânsito.

— Ninguém gostaria de ser enterrado aqui — disse Richard, e eu secundeio-o.

É uma aldeia desengraçada, dividida em duas. No lado sul há uma fiada de quintas à esquerda e à direita da estrada muito movimentada. Os portões estão quase todos fechados, as frontarias não têm adornos e algumas têm faixas esbatidas que dizem: *Basta! Circunvalação já!*

O lago seco da aldeia está rodeado de salgueiros velhos, alguns já mortos, a igreja fechada começa a ruir, entre a berma da estrada e as casas veem-se tílias plantadas recentemente num relvado amplo. Em tempos esta aldeia terá tido uma feira movimentada, onde os camponeses vendiam os seus produtos à esquerda e à direita da estrada. Hoje já ninguém aqui vive da agricultura. Os campos pertencem a uma grande empresa agrícola. Os moradores da aldeia abrem

de manhã os seus portões, entram nos carros, conduzem até ao trabalho na cidade e regressam ao final do dia com as compras do supermercado. Fecham os portões e desaparecem. À noite baixam as persianas e, à luz pálida dos candeeiros de rua, vê-se, quando muito, alguns gatos a vaguear e por vezes uma raposa. Durante o dia também ninguém anda nos passeios, cuidadosamente pavimentados e com acessos para pessoas com deficiência, que levam até à nova aldeia. Na nova aldeia surge uma casa pré-fabricada após a outra, de cores berrantes, jardins protegidos por placas de metal, muros de gabião ou cercas de betão. Brita e gravilha de xisto nas frentes dos jardins, casca de árvores entre arbustos sempre iguais, resistentes à seca, trampolins nos relvados sem flores atrás das casas, onde à noite se ouvem os cortadores de relva automáticos que cortam as pequenas patas dos ouriços-cacheiros indefesos. Sob os telheiros de alumínio estão grandes carros de vidros fumados, que fazem lembrar tanques prontos a atacar tudo o que vive.

Em nenhum outro lado há menos natureza do que na parte nova da aldeia.

Esta termina no complexo de edifícios em forma de U das residências para pessoas com deficiência, aonde todas as manhãs um serviço de transportes vai buscar os residentes para os levar ao trabalho ou aos centros de dia na cidade mais próxima.

A toda a volta não se vê nada além de terrenos planos, parcelados em grandes campos com monoculturas — colza e milho —, turbinas eólicas na linha do horizonte, aqui e ali uma faixa estreita de flores, uma área de compensação exigida por lei, uma sebe, uma velha álea de árvores de fruto já mortas ou moribundas, mas em parte alguma uma colina, qualquer coisa que atraia e prenda o olhar.

Durante o dia o trânsito é ininterrupto. À noite é verdade que o ruído dos motores abrandava pouco a pouco, mas começa então o rebombo crescente e decrescente dos aviões de carga que descolam e aterram no aeroporto mais perto.

É aqui que vivo há mais de dois anos, a quinze minutos de carro da pequena cidade mais próxima, na qual passei os primeiros treze anos da minha vida, e a cerca de quarenta minutos do apartamento em Leipzig ao qual Richard ainda chama a nossa casa.

* * *

Encontrei Grete Adomeit no parque do hospital. Estava sentada num banco rodeado por uma groselheira com cachos brilhantes de rebentos cor-de-rosa. Eu chegara demasiado cedo à consulta de seguimento. A radioiodoterapia e os cinco dias de isolamento para não contaminar as pessoas à minha volta já tinham passado. Sentei-me ao lado da velha mulher. Nesse tempo acontecia-me amiúde falar com pessoas que não conhecia de lado nenhum, que não sabiam nada de mim, que me olhavam nos olhos sem compaixão nem pudor e que não sentiam embaraço ou medo de dizer a coisa errada.

Grete Adomeit tinha a bengala presa entre as duas pernas gordas e as mãos sobre o cabo. Vestia um vestido avental de cor garrida, que parecia ser ainda dos tempos da RDA, um casaco de malha ao qual faltavam dois botões e *collants* opacos cor de pele com uma malha caída. Deve ter reparado que eu olhava para os *collants* estragados porque agora ela própria observava as suas pernas.

— Já nada presta hoje em dia, é tudo feito para deitar fora.

Na espera de meia hora até à minha consulta, fiquei a saber que esta mulher com bem mais de oitenta anos vivia sozinha numa quinta no Norte da Saxónia, que o marido morrera há décadas, que as duas filhas viviam longe e não queriam saber nem da quinta nem da mãe. Ouvi-a falar da sua *criação* e de um cão e de um cancro incurável que havia de a *enterrar*. Tirou uma fotografia da mala e estendeu-ma. Um homem e uma mulher jovens com caras sérias diante de um grande portão de madeira. No rosto regular e redondo da mulher espreitavam dois olhos inexpressivos, nas mãos segurava um ramo de lírios-do-vale. O homem a seu lado tinha apenas um braço. Também ele olhava fixamente para a câmara sem um vislumbre de um sorriso. Dois encalhados que a adversidade juntou, foi o que me ocorreu.

Antes que pudesse perguntar-lhe se se tratava da fotografia do casamento, ela disse:

— A minha quinta. A minha casa.

Todas as suas frases eram breves; continham apenas o vocabulário essencial. Adivinhava-se que não costumava conversar, e, como acontece com todas as faculdades não praticadas, Grete Adomeit perdera a linguagem. Era uma mulher gasta. Os olhos turvos, o cabelo despenteado e já quase inexistente, a roupa no fio, as mãos secas e gretadas, o hálito podre que lhe saía da boca e o corpo amorfo contavam a história de uma vida dura e de um coração duro. Não senti nenhuma simpatia por ela.

Contei pouco de mim mesma, a minha profissão não lhe dizia nada, mas uma coisa que disse despertou-lhe a atenção. Devia ser reconfortante ter uma quinta cujo portão se pode fechar deixando o mundo lá fora, disse eu, e ela olhou-me de esguelha, remexeu a dentadura e semicerrrou os olhos. Quando me despedi, indicou-me prementemente

o dia e a hora em que voltaria a sentar-se aqui. Repetiu a data duas vezes segurando-me o braço sem delicadeza.

No caminho para a clínica, sentia ainda a pressão dos dedos fortes de Grete Adomeit. Massajei o antebraço e tentei em vão não atribuir grande importância ao encontro.

Não disse uma palavra sobre Frau Adomeit a Richard. De resto, já quase não falávamos um com o outro. Desde que se tornara claro que o cancro não seria o meu fim, ele seguia diretamente de bicicleta da escola para o *atelier* que partilhava com uma jovem artista. Voltara a pintar, embora tivesse julgado que isso jamais seria possível. Aparentemente a jovem artista trabalhava sempre à noite. Quando ela aparecia, já ele havia muito que estava em casa, assegurou-me Richard várias vezes sem que eu lhe tivesse perguntado. Dois anos antes esta situação ter-me-ia desassossegado, mas agora deixava-me fria. A mulher que punha em perigo o nosso casamento era velha e doente e chamava-se Grete Adomeit.

No encontro seguinte, cheguei ao banco muito antes da hora combinada e fiquei à espera. O dia, o local e a hora estavam certos, Grete Adomeit repetira os dados duas vezes. Esperei muito tempo, a hora combinada passara havia muito, precisava de ir à casa de banho, mas não ousava sair do lugar com medo de não ver a velha mulher. Por fim, ela chegou. O seu andar pesado traía um sofrimento claro. A cada passo, avançava um pouco com a bengala e soltava um ai.

Não estranhou que eu tivesse esperado. Não pediu desculpa nem agradeceu. Em vez disso, tirou de uma bolsa de pano suja e puída um álbum de fotografias, deu-me e disse-me que o folheasse. Era o álbum mais estranho que já vira. Poucas fotografias mostravam os membros

da família, a maioria mostrava diferentes partes da quinta. Uma cerca nova, um andaime na fachada da casa, o pátio interior com uma jovem árvore e um banco à frente, canteiros precisos. Nomeou todas as coisas, bateu com o dedo sobre as fotografias como se quisesse assegurar-se de que não me escapava nada. Passou por cima do marido e das filhas apressadamente.

— As raparigas não a querem — disse com rispidez e fez um gesto desdenhoso com a mão. Olhou-me como se me pusesse à prova e perguntou: — Tem carro?

Respondi que sim, e antes ainda de ter perguntado porque queria ela saber, Grete Adomeit levantou-se.

— Onde está? — perguntou, caminhando a meu lado com surpreendente rapidez.

Ao fim do dia, voltei para um apartamento vazio.

Richard chegou tarde; eu estava na cama, já tinha tomado o comprimido. O Zolpidem começava aos poucos a fazer efeito. Combinara-o com meio Mirtazapin, para não acordar passadas poucas horas. Um dos efeitos secundários era esquecer-me praticamente de tudo o que acontecia entre a toma do comprimido e a manhã seguinte. Por isso, não fazia sentido falar ainda com Richard.

Os seus passos cautelosos no corredor afastaram-se na direção da cozinha. Quando se juntou a mim na cama, já eu dormia há muito — sem me mexer, sem sonhar, com os sucos gástricos a subir sem obstáculos no esófago, o que no dia seguinte me causaria uma dor ardente atrás do esterno, pois os sedativos impediam-me de acordar e engolir. O meu último pensamento foi para Grete Adomeit e para a ideia que plantou na minha mente.

Aos quarenta anos, ela tinha tudo, e perdeu tudo. Uma história de redescoberta depois da devastação, tecida com delicadeza e esperança.

«Na luz pálida de inverno deste dia de janeiro, estou sentada à janela da cozinha, bebo chá de gengibre acabado de fazer com muito mel e observo o pátio lá fora. [...] Paira sobre a paisagem uma massa cinzenta uniforme que engole toda a alegria e abafa todas as sensações, as más como as boas. Sinto qualquer coisa, mas é qualquer coisa que não quer sair: um pequeno raio de luz, que quase não se vê e que, no entanto, sustenta a minha vida.»

Depois de um infortúnio que lhe roubou Sonja, a filha adolescente, Linda muda-se da cidade para uma aldeia, e isola-se numa casa inóspita. Dedicar-se a cuidar da quinta, dos animais e da cadela *Kaja*. Resta-lhe pouco mais do que a bondade de estranhos — um casal de vizinhos e uma mulher da sua idade, mãe de uma rapariga com autismo.

Neste quotidiano agreste e solitário, cultiva com dedicação a memória da filha que perdeu, fixando a sua presença imaterial e mantendo intocado um laço perene. Quando Richard, o marido de quem se afastara, adocece, Linda decide ficar ao seu lado. Nada fazia prever o momento epifânico que, depois de tudo, lhes traz o alento há muito perdido.

Daniela Krien, uma das mais impactantes romancistas da atualidade, traz aos leitores uma história inspiradora sobre as muitas formas de amar.



«Daniela Krien revela um instinto infalível para as provações
anímicas das suas personagens. Este é um romance impressionante
sobre a perda e a conjugalidade: comovente e lúcido,
deixa tudo em aberto até ao fim.»

Neue Zürcher Zeitung



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@ penguinlivros

ISBN: 978-989-589-438-3



9 789895 894383